

---

## NOVAS FORMAS DE LUTO NAS REDES SOCIAIS

*Bianca Ferreira Rodrigues*

*Fernanda Soares Penido*

*Mariana Silva Oliveira*

Enquanto escrevemos estas linhas, estamos em estado de quarentena há aproximadamente 4 meses, devido à pandemia mundial da covid-19 (do inglês, *Coronavirus Disease 2019*), que chegou ao Brasil em 26 de fevereiro de 2020, data do registro do primeiro caso no país. As medidas de contenção que deram origem à quarentena tiveram início na segunda metade do mês de março e permanecem em vigor, de maneira mais ou menos rígida, de acordo com a região, o tipo de governança e de pressão exercida pelos que são contra o fechamento dos estabelecimentos.

Segundo o boletim de 10 de julho de 2020, do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), o Brasil ultrapassou a marca de 70 mil<sup>1</sup> mortes em decorrência da covid-19 (BBC NEWS BRASIL, 2020). Somos o segundo país do mundo em número de mortes, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (BBC NEWS BRASIL, 2020). Entretanto, especialistas alertam

---

1 Até setembro de 2021, momento em que o livro estava sendo editado, esse número já ultrapassava 590 mil. Continuamos a ser o 2º colocado em mortes no mundo.

para possíveis subnotificações, uma vez que faltam testes para a confirmação da doença. No estado de Minas Gerais, por exemplo, em 2020 houve um aumento de 646%, em comparação a 2019, no número de internações por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), com registro de mais de mil mortes até maio em decorrência desse quadro (FIÚZA, 2020).

Podemos dizer que o Brasil se encontra em meio a uma grave pandemia, buscando no isolamento social uma forma de conter o vírus e sua disseminação, uma vez que não há leitos hospitalares suficientes caso toda a população se contamine ao mesmo tempo. Nesse contexto, apesar do esforço de muitos, ainda é grande a taxa de mortalidade, especialmente entre os mais idosos e pessoas com comorbidades, como pressão alta e diabetes. Os rituais de despedida tradicionais, como visitas aos entes queridos em seus últimos momentos e rituais funerários, estão impedidos de acontecer, devido ao risco de contaminação.

Diante dessa situação, nos perguntamos: como o luto vem ocorrendo? Para tentar dar luz a essa questão, buscamos no mundo virtual, de livre acesso e circulação para as pessoas de todo o mundo, manifestações relacionadas ao tema do falecimento por covid-19. Mais especificamente, fomos às redes sociais: Instagram, Facebook e Twitter, procurar essas expressões, uma vez que se tratam de plataformas bastante populares no Brasil e que possibilitam a criação de um perfil pessoal, entendido aqui como uma representação de si na *polis* virtual.

Nosso percurso se dará a partir da construção de paralelos entre as manifestações encontradas nas redes sociais e as diferentes dimensões do luto, divididas a partir de seus aspectos subjetivos e objetivos. Ressaltamos que a divisão é apenas para fins didáticos, uma vez que o luto se constitui enquanto um processo multifacetado, no qual cada elemento é interdependente e exerce influência sobre os demais. Isso posto, entendemos que os relatos pessoais e os memoriais digitais podem se constituir enquanto uma estrada que nos guiará para percebermos o que se mantém e o que há de novo no processo de luto em um ambiente virtual.

## **O trabalho de luto subjetivo e os depoimentos pessoais**

O luto, segundo Freud ([1915-1917]/2006, p. 249), “é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”. Ou seja, uma resposta emocional a uma situação de perda, concreta ou abstrata. Nesse sentido, a pandemia, a nível global, trouxe consigo o luto pelo que era esperado do ano de 2020, todos os planos e sonhos que não puderam se concretizar. Entretanto, o luto pelo falecimento de alguém traz a dimensão da morte, que se apresenta mais complexa, uma vez que Freud ([1915]/2006) aponta o inconsciente como sendo incompatível com representações negativas. A morte, enquanto pura ausência de vida, constitui-se, então, como irrepresentável – e seu processo de luto, um verdadeiro desafio.

Na perspectiva lacaniana, trazida por Maesso (2017), o falecimento de alguém amado deixa um buraco no real, que remete à insuficiência significativa ao nível do Outro e leva a relação a se estabelecer no imaginário, demandando simbolização. Assim, podemos perceber como se trata fundamentalmente de uma crise, que envolve desde os repertórios já estabelecidos do sujeito até a articulação com os processos simbólicos em andamento no seu meio social.

Freud ([1915-1917]/2006, p. 250) descreve a sintomatologia de tal crise a partir de um estado de espírito doloroso, acompanhado da total falta de interesse por tudo que não diga respeito ao objeto de amor perdido, incluindo o mundo externo e a ideia de substituí-lo por um novo objeto de amor. Subjetivamente, ocorre uma desestabilização da dinâmica psíquica, uma vez que a libido que se ligava àquele objeto fica à deriva num primeiro momento, assim como as fantasias e demais estruturas inconscientes que o envolviam. Nas palavras de Freud ([1915-1917]/2006, p. 251), “cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas”.

Tem início, então, um processo no qual a constatada inibição do ego com relação ao mundo externo e suas tarefas é consequência de um fechamento em si mesmo, a fim de dar cabo ao chamado trabalho de luto, em que se coloca a partir de uma devoção que nada deixa a outros propósitos ou interesses. Em poucas palavras, trata-se do processo no qual a libido irá se desconectar do objeto amoroso e, uma vez livre, se ligará a novos objetos, completando o percurso de um trabalho de luto bem elaborado. O que pode parecer simples, mas, como aponta Campos (2013),

É por meio desse percurso que esses objetos de amor podem ser desinvestidos e o sujeito passa a encontrar novos substitutos. Evidentemente, esse processo não é tão simples, pois envolve não apenas encontrar um objeto substituto, mas elaborar as fantasias conscientes e inconscientes que são ativadas com a perda de objeto. O processo de luto é, portanto, um redimensionamento das fantasias e defesas do psiquismo, em busca de um novo equilíbrio de forças (CAMPOS, 2013, p. 16).

Na perspectiva lacaniana, trata-se do processo de elevar ao estatuto simbólico a perda, assim como a pessoa que veio a falecer, viabilizando a sua introjeção enquanto lembrança, palavra e afeto. Destarte, podemos dizer de um longo e doloroso percurso em prol do restabelecimento da saúde psíquica, que pode desaguar numa patologia, como a melancolia, mas muitas vezes acaba se resolvendo por si mesmo. Quando a morte é aceita como real, e o enlutado apresenta certa disposição para realizar novos investimentos em sua vida, os sentimentos relacionados à pessoa perdida podem permanecer vivos, ao mesmo tempo em que ocorre a recuperação da autoestima e a valorização do ego (GOMES; GONÇALVES, 2015).

Ao discutir o papel do psicólogo no trabalho de luto, Gomes e Gonçalves (2015) ressaltam que o verdadeiro apoio a quem está passando por esse momento consiste em auxiliar no reconhecimento da morte e na organização pessoal necessária para elaborá-la. Além disso, os autores destacam uma

gama de simbolismos atrelados ao luto, que devem ser respeitados, como a eleição de determinada cor para caracterizar a fase e os atos religiosos, tão presentes no contexto brasileiro. Aqui, estamos às voltas com a dimensão da ritualidade do processo, que pode diferir entre culturas ou pessoas e impossibilita a delimitação de um padrão de comportamento.

Expressões pessoais de luto já são comuns no ambiente virtual, apesar de constituírem-se como um fenômeno relativamente novo. O advento e a popularização das redes sociais trouxeram consigo várias possibilidades de manifestações, em forma de texto, imagem ou vídeo. Entretanto, a partir da pandemia e da necessidade de isolamento social, que impossibilitou a realização de rituais fúnebres, assistimos a um aumento na busca pelas redes sociais, na esperança de acolhimento da dor e da necessária elaboração da perda.

No Twitter, plataforma que permite até 280 caracteres por postagem, além de fotos e vídeos, vemos alguns depoimentos que procuram transmitir a dor de se perder alguém sem poder se despedir, a falta que faz o contato com as pessoas queridas nesse momento. Laura Sabino (@mylaura\_m), coloca:

Minha tia faleceu ontem por covid.  
Não velamos o corpo dela,  
Não posso dar um abraço na minha mãe q perdeu a irmã,  
Não posso abraçar minha prima de 11 anos q perdeu a mãe,  
Não posso abraçar meu avô que perdeu a filha.  
Parece algo muito distante até chegar na sua família (*sic*)<sup>2</sup>

Entre as respostas dessa postagem, encontramos a de Gabi (@gabihop), corroborando e se identificando com o posicionamento:

Minha tia tb faleceu durante a pandemia, não pude ir ao hospital me despedir dela, não pude ir ao velório e abraçar

---

2 Disponível em: [https://twitter.com/mylaura\\_m/status/1282094007229845504](https://twitter.com/mylaura_m/status/1282094007229845504). Acesso em: 28 set. 2021.

meus primos! Esse sentimento é inexplicável, não poder viver os rituais de despedida e de afeto com os que ficam! Meus sentimentos, força e fé! (*sic*)<sup>3</sup>

Já Sam (@sumflowrs) traz à tona um elemento velado nas falas anteriores, o propósito de conscientização da importância da quarentena e do isolamento social. Para isso, usa de imagens com textos a fim de ultrapassar os caracteres permitidos e transmitir sua mensagem de apenas uma só vez. Segue um trecho de seu compartilhamento, aqui transcrito:

Isso tá sendo mais doloroso que a morte em si. Ver que alguém que eu amo tanto foi embora sem uma despedida que ela merecia. Minha avó foi uma mulher forte, guerreira que passou por diversas lutas, eu sei que ela merecia mais. Eu não pretendia expor nada, mas nesse momento senti a necessidade de falar o quão cruel esse momento esta sendo porque eu não quero que ninguém, ninguém desse mundo passe por uma dor tão forte como essa, eu sei que não posso mudar muita coisa e não vou salvar o mundo com minhas palavras, mas se minhas palavras conscientizar pelo menos uma pessoa que ainda ta brincando com a própria vida e com a vida dos outros, pra mim já basta (*sic*)<sup>4</sup>.

Assim, podemos dizer que houve um movimento de tentativa de transmissão, aceitação e elaboração da perda a partir das redes sociais. Os depoimentos vieram de perfis pessoais, mas abertos ao público geral, o que nos remete ao ato de apresentar sua dor à sociedade, a fim de que essa seja reconhecida e ocupe um certo lugar, que irá ressoar subjetivamente. Considerando o contexto de pandemia, ainda precisamos destacar o propósito de conscientização,

---

3 Disponível em: <https://twitter.com/gabihop/status/1282155213214879744>. Acesso em: 28 set. 2021.

4 O texto em questão e o próprio usuário (@sumflowrs) não se encontram mais disponíveis no Twitter em setembro de 2021, momento em que o livro está sendo editado.

não apenas de como está sendo o luto nesse momento, mas de não deixar que as estatísticas permaneçam frias, com o número de mortes sendo apenas mais um número.

Assistimos à construção de espaços de incentivo ao compartilhamento de narrativas pessoais, como é visto a partir de uma postagem no Facebook da página Quebrando o Tabu, que possui mais de 11 milhões e meio de seguidores na plataforma. A postagem em questão ocorreu no dia 8 de junho e contava, no dia 13 de julho de 2020, com 27 mil curtidas, 16 mil comentários e 3 mil compartilhamentos. Nela, está colocado: “Você perdeu algum parente ou conhecido vítima de coronavírus? Conta pra gente nos comentários”. Entre as respostas, há uma profusão de relatos de experiências pessoais, assim como mensagens de condolências e incentivos para o atravessamento do luto.

É possível dizer, dessa forma, que um trabalho de luto subjetivo implica a elaboração e simbolização do objeto de amor e da perda em si, o que nunca é fácil, mas pode ser amparado socialmente. Com a pandemia em curso e o recurso de compartilhamento nas redes sociais, presenciamos não só o acolhimento e a participação daqueles próximos ao enlutado, como também o envolvimento de pessoas aleatórias, a partir de demonstrações de empatia que podem se constituir enquanto algo inédito na construção de contornos sociais, para um processo que não deixa de ser individual e subjetivo.

## **As manifestações objetivas do luto e os memoriais digitais**

Quando dizemos de manifestações objetivas do luto, nos remetemos aos rituais fúnebres, que estão presentes em todos os povos, como apontado por Souza e Souza (2019). Existem indícios de ocorrência desde o surgimento da consciência humana, de acordo com registros arqueológicos de cuidado ritualizado com os mortos, que são encontrados desde o período da Pré-História. É importante destacar que a palavra ritual alude à “qualidade de um ato que se prolonga para além do ato em si e adquire características simbólicas” (SOUZA; SOUZA, 2019, p. 2).

Adentramos aqui no campo simbólico, enquanto manifestações desprovidas de um sentido prático, ou nas quais a praticidade se encontra em segundo plano, com o objetivo de aludir a algo para além de si mesmas. Nesse sentido, Souza e Souza (2019) destacam os cuidados dispensados ao corpo já sem vida, além de outros procedimentos fúnebres como o velório, muitas vezes longos e minuciosos, transcendendo ao tempo real da morte para que essa possa ocorrer também ao nível social. O ritual representaria, dessa maneira, uma dramatização a fim de se solucionar uma crise da ordem social, um conflito diante das mudanças que a perda de um de seus membros acarreta.

Com os rituais, a experiência pode ser contextualizada, gerando um terreno propício às reorganizações da própria família, a partir das respostas previsíveis advindas da cultura. Em outras palavras, eles possuem atribuição de “ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta, entrando no processo de luto, possibilitando-lhe também a manifestação pública de seu pesar” (SOUZA; SOUZA, 2019, p. 5). Ou seja, os rituais são capazes de manejar o desalinho na esfera comunitária, ao mesmo tempo em que amparam as questões subjetivas ao proteger a sua expressão.

Em contextos nos quais os rituais não possuem plena expressão, a criatividade entra em cena e consegue fazer frente às imposições por caminhos alternativos. Grisales (2016) nos traz como exemplo a criação de altares espontâneos na cidade de Medellín, na Colômbia, representando um ato político diante do contexto continuado de violência a que a população vem sendo submetida. Nas palavras da autora:

Os altares são, a um só tempo, formas materiais de conservar a memória dos fatos, expressão pública das emoções e demanda por mudanças sociais e pelo reconhecimento da dor. Busca-se dar às emoções um lugar na esfera pública e reivindicar o reconhecimento do dano e da injustiça por parte de colegas, vizinhos e amigos (GRISALES, 2016, p. 86).



Trata-se, portanto, de uma iniciativa espontânea da comunidade, mas que representa uma tentativa de reconhecimento de suas emoções no espaço público, para além dos poderes estabelecidos. O sofrimento é alçado para fora da família, transformando-se em um elemento de união dos sujeitos, a partir da criação de uma narrativa de legitimação.

É o que podemos encontrar no projeto Inumeráveis, memorial on-line dedicado à história de cada uma das vítimas do novo coronavírus no Brasil. Ele pode ser acessado pelo site<sup>5</sup> ou nos perfis no Instagram<sup>6</sup> e Facebook<sup>7</sup>, que possuíam em 13 de julho de 2020, respectivamente, 82,9 mil e 8,3 mil seguidores. O método consiste no recolhimento de informações, histórias e características dos mortos por covid-19 no Brasil, a partir do preenchimento de um formulário no site por familiares ou amigos. Munidos dessas informações, são criados para cada sujeito um epitáfio de 110 caracteres, que é compartilhado nas redes sociais, e uma página no site com a narrativa completa que foi disponibilizada. Segue um exemplo do que encontramos no site:

ADALBERTO DA SILVA CLÍMACO (1965 – 2020)

Professor e recordista em atletismo, orgulhava-se de ter corrido ao lado de Joaquim Cruz, campeão olímpico. Por mais de 15 anos, dedicou-se à Polícia Civil de Rondônia, na qual atuou com muito mérito. Mas, foi no xadrez onde se encontrou. Com uma mente brilhante e precisa, no esporte, mostrava toda sua inteligência. Apaixonado pela sua esposa e pelos seus filhos, era conhecido em toda a cidade pela sua disciplina e dedicação, tanto pelo esporte, quanto pela família. Adalberto nasceu na Vila Murtinho (RO) e faleceu em Porto Velho (RO), aos 55 anos, vítima do novo coronavírus.

---

5 Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em: 28 set. 2021.

6 Disponível em: <https://www.instagram.com/inumeraveismemorial/>. Acesso em: 28 set. 2021.

7 Disponível em: <https://www.facebook.com/inumeraveismemorial>. Acesso em: 28 set. 2021.

Aqui assistimos novamente à tentativa de conscientização e humanização das estatísticas, ao se criar um memorial público que busca seu reconhecimento nessa esfera, independente das ações que estejam sendo tomadas, ou não, por aqueles no poder. Nesse sentido, retomamos a análise de Grisales (2016) dos altares em Medelín, uma vez que estamos diante do mesmo tipo de manifestação, como colocado pela autora:

Os altares problematizam a separação entre a dor sentida pela pessoa diretamente afetada e o sentimento de luto coletivo; entre memória individual e memória coletiva, entre privado e público. Ao considerar como injusta uma morte, ao pensar que é necessário fazer algo para que isso não aconteça novamente, que a morte não é um problema privado, mas coletivo, estamos diante do uso memorial do espaço público, transformando o lugar da morte em um cenário para a expressão e a ritualização do luto (GRISALES, 2016, p. 94).

Uma ferramenta importante nesse uso memorial do espaço público é o nome próprio, uma vez que recupera o sujeito do anonimato e o individualiza a partir de sua história e pertença a uma família e rede de amigos. Paralelamente, no espaço virtual, temos, além do nome, os perfis pessoais, enquanto marca individualizante que comporta construções particulares e interações na rede.

Como nos esclarece Carreira (2016), cada ação no mundo virtual deixa rastros: “Cada e-mail respondido, cada curtida em rede social, busca no Google, visualização de vídeos no YouTube ou compra em e-commerce geram pegadas que podem ser cruzadas e correlacionadas” (CARREIRA, 2016, p. 4). Assim, podemos dizer que a própria *internet* se constitui enquanto um reservatório de memória, com a capacidade de controlar a passagem do tempo de forma única.

A promessa que é feita atualmente é a de uma imortalidade virtual, a partir das pegadas que deixamos no ciberespaço. As principais propostas, realizadas a partir da tecnologia que já está disponível, são de: a) construção de um avatar

à imagem e semelhança de seu dono para que este possa viver virtualmente na ocorrência da morte de seu original de carne e osso; b) estabelecimento de um herdeiro que será responsável pelo espólio virtual, as pegadas e memórias deixadas no ambiente on-line por aquele que vier a falecer; e c) a própria digitalização da mente humana, a partir da cópia de suas memórias para um processador computadorizado (CARREIRA, 2016).

O Facebook permite, desde o ano de 2006, a transformação do perfil de uma pessoa que faleceu em um espaço memorial, de modo que permaneçam os conteúdos e atividades realizadas anteriormente, mas com uma diminuição das funcionalidades, considerando a possibilidade de que outras pessoas venham a ter acesso à senha. Como aponta Ramos (2015), congela-se o perfil em questão, mas ele passa a ser um espaço aberto para homenagens em forma de mensagens, imagens ou vídeos. Nas palavras do autor: “Depois da morte do ‘eu’ biológico, esta identidade digital persiste online, vinte e quatro horas por dia, formatando a memória coletiva, mas, ao mesmo tempo, sendo formatada por esta, porque a participação no perfil não é interrompida” (RAMOS, 2015, p. 45).

Assim, vemos como o ambiente on-line pode se constituir enquanto um espaço de informação e construção de memória coletiva. Nesse sentido, fazemos coro a Ramos (2015), que considera a identidade digital uma extensão e não uma alternativa à identidade própria, podendo a primeira permanecer no espaço virtual de maneira atemporal e tão vitalícia quanto as bases de dados que a suportam.

Como posto anteriormente, o recurso à construção de memoriais públicos não é novo, mas podemos dizer que há um uso ritualístico, uma vez que se prolonga o tempo real da morte, na busca por inseri-la e resolvê-la de alguma forma no contexto social. O projeto Inumeráveis e a tentativa de imortalidade virtual são dois exemplos que vêm acontecendo no ambiente on-line. Porém, é importante destacar que, apesar de as redes sociais oferecerem um contorno institucional, tais manifestações partem espontaneamente da

população, demonstrando sua criatividade no enfrentamento de um contexto tão sofrido e complexo.

## **Considerações finais**

Freud ([1915-1917]/2006) traz, em *Luto e Melancolia*, a possibilidade de trabalho de luto, ou seja, um trabalho de desligamento ou deslocamento de libido que exige esforço e tempo. Perder algo amado não implica necessariamente o desencadeamento de condições patológicas, desde que seja superado após certo tempo.

O processo de luto abarca situações relacionadas ao contexto de perda em geral, seja o falecimento de um ente querido, a mudança de um papel social ou a perda de uma possibilidade de futuro. É a sensação de que “algo nos foi tirado”, algo que era tão nosso que não deveria, absolutamente, ter sido tomado de nós (PAVANI, 2020).

Chorar e sofrer é elaborar a perda; deixar de investir energia.

Na cultura brasileira, o ritual do sepultamento pode ser visto como uma forma de a família e amigos se despedirem e aliviarem a dor da perda do ente querido, além de ajudar na elaboração do luto. Com a atual pandemia de covid-19, caixões lacrados e o isolamento social, esse processo tem sido desafiador. Por não terem a oportunidade de se despedirem através desse ritual, muitos podem ter a sensação de que não houve a perda, justamente por não terem a experiência da certeza deixada pelo próprio ritual. “Não dizemos adeus da mesma forma que antes. Não podemos oferecer o amparo presencialmente. Não temos mais o olho no olho que acolhe e diz que, independentemente do que acontecer, ficaremos ao seu lado” (PAVANI, 2020).

Como colocado por Geisyng Azevedo em matéria de Rocha (2020), estamos passando por um cenário que guarda semelhanças com a guerra. Para aqueles que possuem entes queridos hospitalizados resta o sentimento de alguém

que vai e não volta mais, gerando angústia, medo, tristeza – sentimentos que devem ser trabalhados no processo de luto.

Além disso, não são raros os casos de múltiplas infecções e óbitos em uma mesma família, constituindo-se como mais um desafio na forma de se adaptar e lidar com as perdas (CREPALDI *et al.*, 2020).

A covid-19 não anula mortes devido a outras inúmeras causas nesse tempo, porém é visível para as pessoas presentes nas redes sociais o desespero dos familiares que perderam entes queridos para essa doença, que tentam alertar e espalhar a mensagem de que o vírus não pode ser banalizado.

As manifestações de luto no ambiente virtual se apresentam, assim, como uma forma de lidar com o próprio sofrimento, ao mesmo tempo em que este é alçado ao meio social em busca de legitimação. Ou seja, trata-se de uma forma encontrada pelos sujeitos, em meio a uma exigência de isolamento social, de construir uma narrativa coletiva alternativa à propagada por aqueles que estão no poder, demonstrando, mais uma vez, a capacidade de reinvenção humana.

## Referências

BBC NEWS BRASIL. **Total de mortos por covid-19 no Brasil passa de 72 mil.** 10 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51713943>. Acesso em: 11 jul. 2020.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. **Rev. Psicol. UNESP**, v. 12, n. 1, p. 13-24, Assis jun. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442013000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 jul. 2020.

CARREIRA, Krishma. Imortalidade digital: a era dos grandes dados. **Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science**, v. 4, n. 1, jul. 2016. Disponível em: [http://www.revista.teccog.net/index.php/revista\\_teccog/article/viewFile/64/68](http://www.revista.teccog.net/index.php/revista_teccog/article/viewFile/64/68). Acesso em: 11 jul. 2020.

CREPALDI, Maria Aparecida *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Acesso em: 11 jul. 2020.

FIÚZA, Patrícia. Minas Gerais registrou, em 2020, 1.250 mortes por Síndrome Respiratória a mais que em 2019. **G1 Minas Gerais**, 26 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/26/minas-gerais-registrou-em-2020-mais-de-mil-mortes-por-sindrome-respiratoria-a-mais-que-em-2019.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2020.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, [1915]/2006.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, [1915-1917]/2006.

GOMES, Lauren Beltrão; GONÇALVES, Jadete Rodrigues. Processo de luto: a importância do diagnóstico diferencial na prática clínica. **Revista de Ciências HUMANAS**, Florianópolis, v. 49, n. 2, p. 118-139, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n2p118>. Acesso em: 11 jul. 2020.

GRISALES, Sandra Patricia Arenas. Fazer visíveis as perdas: morte, memória e cultura material. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 85-104, abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106009>. Acesso em: 11 jul. 2020.

MAESSO, Márcia Cristina. O tempo do luto e o discurso do Outro. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 337-355, ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142017002004>. Acesso em: 11 jul. 2020.

PAVANI, Natalia. Luto em tempos de pandemia: o que muda ao dizer adeus. **Veja Saúde**, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/luto-em-tempos-de-pandemia-o-que-muda-ao-dizer-adeus/>. Acesso em: 11 jul. 2020.

RAMOS, Hugo. Além-túmulo no Facebook: Vida após a Morte e Luto na Era Digital. **OBS\***, Lisboa, v. 9, n. 4, p. 31-50, dez. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1646-59542015000500003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-59542015000500003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 jul. 2020.

ROCHA, Karol. A doença do fim solitário: como lidar com o luto durante uma pandemia. **Acrítica.com**, 10 maio 2020. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/a-doenca-do-fim-solitario-como-lidar-com-o-luto-durante-uma-pandemia>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Acesso em: 11 jul. 2020.